



ACOS AGRICULTORES
DO SUL

A Raça Campaniça na Actualidade - 2012

Claudino Matos

Secretário Técnico da Raça Campaniça

RAÇA CAMPANIÇA

INTRODUÇÃO

A raça ovina Campaniça é, segundo a maioria dos autores, uma raça detentora de elevada rusticidade e longevidade, oriunda da Península Ibérica, sendo tradicionalmente explorada em sistema extensivo nas zonas mais marginais do Alentejo interior. Conduto (1997) considera a raça Campaniça uma realidade ecológica, como resultado de uma selecção quase natural ao longo dos tempos. Os ovinos de raça Campaniça tiveram no passado alguma importância económica para a agricultura Alentejana, tendo os seus efectivos atingido 170 mil cabeças no Arrolamento de 1925 (Frazão, 1959; Sobral *et al.*, 1990). Durante a segunda metade do século passado foi gradualmente cruzada ou mesmo substituída por outros genótipos mais produtivos, tendo os seus efectivos decaído drasticamente, a tal ponto ter sido declarada em vias de extinção, segundo os padrões internacionais em matéria de recursos genéticos animais (Matos e Bettencourt, 1995; Matos, 2000).

Em virtude das medidas de promoção e protecção das raças locais no âmbito da Política Agrícola Comum, após a adesão de Portugal à União Europeia, o efectivo de raça Campaniça que, nos finais da década de 80 chegou aproximadamente às 2 700 fêmeas inscritas no Registo Zootécnico em apenas 6 criadores (Conduto, 1997), foi aumentado, e conta actualmente com 6 750 fêmeas e 22 criadores.

Para a evolução recente da raça contribuíram não só os esforços dos criadores, mas também a Associação de Criadores de Ovinos do Sul, que é a entidade a quem foi confiada a gestão do Registo Zootécnico, e o apoio dos serviços regionais e centrais do Ministério da Agricultura. Ressalta o papel do Centro de Experimentação do Baixo Alentejo – Herdades da Abódada e de Vale Formoso, cujos efectivos da raça têm sido utilizados para a caracterização fenotípica actual e como garante da conservação “*in vivo*” e “*ex situ*”, através de programas estabelecidos em meados dos anos 90.

Neste trabalho apresentam-se as características produtivas e reprodutivas da raça, a evolução dos sistemas de produção e as bases em que assenta os programas de conservação e melhoramento actualmente em curso. Em termos perspectivas futuras, pensamos que devido às suas características, esta raça poderá ter um papel interessante nos sistemas de produção sustentados actualmente promovidos pela política agrícola comum, como sejam os modos de produção integrada e biológica. Apesar da qualidade da carne e da lã que é produzida, a exploração de animais da raça Campaniça só será rentável se o papel agro-ambiental que desempenha for devidamente reconhecido e remunerado.

ORIGEM, HISTÓRIA E EVOLUÇÃO

A diversidade de metodologias utilizadas na classificação dos ovinos domésticos ao longo dos tempos, torna difícil traçar com precisão a origem da raça ovina Campaniça, existindo mesmo discordância na bibliografia acerca deste tema.

Para Miranda do Vale (1949), as várias populações ovinas nacionais têm a sua origem em 2 troncos, o *Ovis aries ibericus* (Tronco Ibérico) e o *Ovis aries africanus* (Tronco Africano). Acrescenta o mesmo autor que “a raça aborígene, derivada do tronco ibérico, é constituída, na sua maioria, por produtos de cruzamentos e mestiçamento dos 2 troncos”. Seguindo a classificação de acordo com a qualidade da lã que produziam, proposta por Bernardo Lima nos finais do século XIX, o autor denomina estes ovinos de raça “bordaleira”, agrupando-os em três grupos: os “bordaleiros comuns”, os “feltrosos” e os “churros”. Tendo ainda como base esta classificação, Frazão (1959) apresenta uma opinião algo diferente de Miranda do Vale, admitindo a designação de “bordaleiro” apenas como referência aos ovinos que não se enquadram no grupo Merino, e não para determinar um agrupamento étnico resultante do cruzamento do “Tronco Ibérico” com o “Tronco Africano”.

Referindo-se particularmente à raça ovina Campaniça, Frazão (1959) afirma ainda que ela é “...um dos abencerragens do ovino “burdo” mais fino que povoava intensamente a nossa península”. O autor justifica esta opinião com base em escritos de Políbio, Plínio e Estrabão, que referem que muito antes do aparecimento dos Merinos, representantes do tronco Africano, já a Península Ibérica se encontrava povoada por outros ovinos, que segundo Columela (citado pelo autor) eram na sua maioria brancos, existindo alguns pretos, que possuíam velos, uns mais grosseiros que outros, com lã “burda” (termo castelhano que significa grosseiro e que terá dado origem, segundo Miranda do Vale, 1949, à palavra bordaleiro).

Bentes (1920), num estudo intitulado “Os Arietinos do Distrito de Beja”, afirma que “Duma maneira geral, os arietinos acumulam-se em todo o distrito nas regiões mais ricas, sobretudo nos barros, onde os merinos apresentam muitos caracteres comuns com os merinos Espanhóis” e, referindo-se provavelmente aos ovinos Campaniços, acrescenta que “na periferia do Distrito de Beja se encontram animais que se aproximam do grupo Bordaleiro derivado do tronco ibérico *Ovis aries ibericus*”, também denominado tronco dos Pirinéus. A raça dos Pirinéus, donde deriva também, na opinião de Cordeiro (1982), a raça Bordaleira, “descende dos carneiros das montanhas europeias de chanfro bastante convexo, com corpo delgado e membros compridos, revestido com velos de lã “longal” que, ao ramificarem-se pela Península Ibérica teriam adquirido caracteres morfológicos, lanares e leiteiros diferentes dos seus ascendentes, por se terem submetido a variadas influências ambientais”.

Refere Frazão (1959) que no tempo dos romanos, dada a finura dos velos, as lãs da Bética (Península Ibérica) e da Turdetânia (província que segundo o autor se estendia no seu limite ocidental até ao sul de Beja compreendendo grande parte da margem esquerda do Guadiana), e

os tecidos com ela fabricados, eram muito célebres. Acrescenta ainda que “tamanha era essa fama que para Roma foram levados muitos exemplares ibéricos, de cor branca e de grande finura de lã”. Citando Klein, Frazão (1959) afirma que “a lã da Espanha romana tinha uma fêvera muito comprida e suave, que em nada se assemelha ao famoso produto crespo e curto dos merinos mais recentes”, provindo assim, segundo aquele autor, a lã turdetana dos ovinos Churros. Explica porém Frazão (1959), que tal não poderia ser porque a “lã churra” não tem “fêvera suave”, e consequentemente nunca poderia ter sido afamada. Conclui o autor ser o “burdo mais fino”, que povoava o sul do país, o possuidor desta lã, numa alusão clara à raça Campaniça.

Ainda segundo Frazão (1959), os actuais “bordaleiros comuns e feltrosos” devem ter derivado do tronco “*Ovis aries ligeriensis*”, de Sanson, por sua vez originado do “*Ovis aries Palustris*” de Ruetimeyer, a ovelha das turfeiras do período neolítico inferior. Por seu turno, Bernardo Lima (1873) apresenta uma distinção entre Bordaleiros finos ou comuns e Bordaleiros feltrosos com base nas características lanares. Este autor já havia incluído os animais da raça Campaniça no primeiro grupo que, comparativamente aos animais do segundo, se distinguem por apresentar pelo cábrio menos dominante, espalhados por diversas regiões do corpo, sendo a lã geralmente grosseira, disposta em mechas pontiagudas, formando um velo mais ou menos altoso. Mais recentemente, e de acordo com a grelha de classificação de lãs nacionais proposta por Coelho Morais (1947) e ainda em vigor nos nossos dias, Cordeiro (1982) considera o “gado Campaniço” como membro da sub-raça Bordaleiro comum ou Alentejana que se evidencia pelas qualidades lanares do tipo Cruzado.

Refere ainda Frazão (1959) que os ovinos primitivos, “grosseiros” e “mais finos”, possuem diferenças quer morfológicas quer lanares quando comparados com o merino. O “bordaleiro churro”, cuja filiação no tronco ibérico é para este autor é indiscutível, não tem qualquer semelhança com o “bordaleiro fino”. Acrescenta também que a raça ovina Campaniça exhibe um potencial genético próprio duma raça primitiva, não sendo produto de mestiçamentos já que se se tratasse de um produto heterozigoto haveriam de se manifestar semelhanças com os progenitores, que não foram observadas. Fundamenta a sua opinião evocando que o cruzamento de animais de perfil recto com outros de perfil côncavo não poderia ter originado animais com uma marcada convexidade, como é o caso do Bordaleiro comum, no qual está incluído o Campaniço. Refere finalmente que a lã característica deste grupo, de tipo Cruzado, não tem similitude alguma com a do Merino, e muito menos com a do churro, concluindo assim que o Merino, o Churro e o Bordaleiro fino ou comum são 3 tipos étnicos diferentes e bem caracterizados. Esta é, de resto, a opinião mais geralmente aceite (Sobral *et al.*, 1990).

Quanto à origem do termo Campaniça, que dá o nome à raça, tudo indica que esteja associado à região do “Campo Branco” que é considerada actualmente o verdadeiro solar da raça (Frazão, 1959; Sobral *et al.* 1990).

Em conclusão, apesar das divergências de opinião reflectidas na bibliografia, tudo indica que a raça Campaniça é uma população ovina originária da Península Ibérica que se terá

diferenciado de outras raças devido às condições edafo-climáticas específicas da região onde ao longo dos séculos tem sido explorada. Por outro lado, as características do velo exibidas pela raça, designadamente a produção de lã do tipo Cruzado, parece ser o critério que melhor diferencia esta população de outras com características raciais semelhantes que se encontram dispersas pela Península Ibérica, pese embora a diversidade de metodologias utilizadas na classificação lanar.

PADRÃO DA RAÇA

O padrão racial que consta do regulamento do Registo Zootécnico é o seguinte:

- **Côr** - Branca
- **Cabeça** – De tamanho médio, comprida, estreita e arredondada, de forma cónica. Perfil craniano convexo a subconvexo, evidente na sua frente, tanto longitudinal como transversalmente. Deslanada, mas com uma poupa no frontal. Cornos, normalmente, nos machos, com a forma de espiral aberta, grossos, e, por vezes, nas fêmeas, onde são rudimentares. Orelhas curtas, projectadas horizontalmente para fora. Algumas manchas de pigmentação amarelada.
- **Pescoço** – Curto e roliço nos machos, mais comprido e delgado nas fêmeas. Bem lanado. Em geral, sem barbela.
- **Tronco** – Pouco volumoso, mas bem proporcionado. Linha dorso lombar um pouco mergulhante. Garupa de largura e comprimento regulares, um tanto descaída. Cauda de inserção baixa.
- **Úbere** – Globoso, com tetos bem implantados.
- **Membros** – Finos e deslanados abaixo dos joelhos e curvilhões. Unhas fortes e de cor branca.
- **Velo** – Extenso e bem tochado, com madeixas quadradas, só não recobrimdo a cabeça e as extremidades dos membros.

ÁREA GEOGRÁFICA

A raça Campaniça era a população ovina que, na opinião de Mason (1967), outrora dominava na Província do Algarve (Distrito de Faro) e a sul do Distrito de Beja, e que ao longo das décadas terá sido gradualmente substituída pelo Churro Algarvio e pelo Merino.

Por seu turno, Frazão (1959), e mais recentemente Sobral *et al.* (1990), consideram a região denominada por “Campo Branco”, que engloba os concelhos de Mértola, Almodôvar, Castro Verde e Ourique, o verdadeiro solar da raça. Actualmente, a maioria dos animais inscritos no Registo Zootécnico concentram-se de facto nestes concelhos, havendo alguns núcleos dispersos nos concelhos da margem esquerda do Guadiana (Serpa, Moura e Barrancos) e existe um efectivo no Concelho de Silves.

CENSUS ACTUAIS

Frazão (1959) analisou retrospectivamente a evolução dos efectivos de ovinos entre os Arrolamentos de 1870 e 1955 nos concelhos de Mértola, Almodôvar, Ourique e Castro Verde, área que considera como sendo o solar da raça Campaniça. Apesar de nem todos os animais recenseados serem da raça Campaniça, observa-se que os census ovino desta região era de cerca de 87 mil cabeças em 1870, atingiu um máximo de aproximadamente 170 mil cabeças no Arrolamento de 1925, sofreu algumas variações negativas nos arrolamentos seguintes e, em 1955, o efectivo cifrava-se nas 158 mil cabeças. Deste efectivo, o autor estima que cerca de 25 mil cabeças seriam da raça Campaniça, enquanto as restantes pertenceriam à raça Merina e seus cruzamentos. Ainda nesta região, o autor acrescenta que cerca de 11% do efectivo pertenceria à variedade preta. Desde essa altura até ao início dos anos 90 verificou-se uma diminuição vertiginosa dos efectivos, que atingiram as 2700 cabeças detidas por meia dúzia de criadores, sendo então a raça declarada em vias de extinção.

Como reflexo das medidas de política agrícola incentivando a exploração de raças autóctones, tem-se verificado uma evolução positiva dos efectivos, que, entre 2000 e 2010 aumentaram de 4700 para aproximadamente 6750 fêmeas, distribuídas actualmente por 22 criadores. Existe contudo uma grande heterogeneidade no tamanho dos efectivos por criador, sendo de realçar que apenas 3 criadores detêm cerca de 50% do efectivo total da raça.

SISTEMAS DE EXPLORAÇÃO

O sistema de exploração é o extensivo, sendo a ovelha Campaniça tradicionalmente nas funções carne, leite, lã e até mesmo estrume. Frazão (1959) estimava que, na década de 50, o contributo de cada produto para o rendimento bruto por ovelha em plena produção era respectivamente de 51.5 % em carne, 17.6 % em leite, 25.1 % em lã e 5.8 % em estrume.

Em termos de manejo reprodutivo, era usual as cobrições iniciarem-se em meados de Junho, ocorrendo os partos em Novembro/Dezembro. Os borregos eram desmamados em meados de Março com cerca de 3 meses de idade e eram seleccionados os que ficavam para a exploração, sendo os restantes comercializados para talho. Após o desmame dos borregos era prática corrente proceder à ordenha das ovelhas (durante cerca de 90 dias) até meados de Junho (Frazão, 1959). Existiam criadores que optavam por iniciar a época de cobrição na Primavera, a partir de Abril/Maio, prolongando-a até aos meses de Verão, donde resultavam partições contínuas durante meio ano ou mais (Sobral *et al.*, 1990).

Outros criadores optavam por duas épocas de parto. Segundo este sistema, descrito por Ribeiro e Sobral (1991), a cobrição iniciava-se a partir do final de Fevereiro, durante dois a três meses, começando as partições em fins de Julho. Os borregos eram desmamados e comercializados na época do Natal, com idades compreendidas entre 3 a 5 meses e pesos vivos entre 20 e 27 Kg. Os carneiros voltavam ao rebanho em Setembro e Outubro, efectuando uma

repscagem das ovelhas que não pariram, e cobrindo também uma parte das ovelhas que pariram mais cedo. Os partos tinham lugar desde o final de Fevereiro até meados de Abril, e os animais eram vendidos em meados de Maio.

Com o decurso dos tempos, a produção carne tornou-se o objectivo primário da exploração. As circunstâncias e a evolução dos mercados ditaram que os preços mais elevados coincidissem com as épocas do Natal e da Páscoa, pelo que os criadores adaptaram o maneio reprodutivo dos rebanhos iniciando as cobrições Abril/Maio (cobrição principal), e encurtaram as épocas de cobrição para aproximadamente 45 a 60 dias. Este esquema conduzia a uma concentração de partos em Agosto e Setembro, efectuando-se o desmame dos borregos em Dezembro. Era ainda proporcionada uma época de cobrição secundária (Agosto/Setembro), na qual eram “repescadas” as ovelhas que ficaram vazias, e eram ainda cobertas algumas malatas de substituição. A nova época de partos ocorria em Janeiro/Fevereiro e o desmame dos borregos em Abril /Maio.

Os borregos são comercializados para o mercado nacional e internacional. Mais recentemente, a comercialização de borregos com 12 a 16 Kg de peso vivo para Espanha (“cabeçudos” como são designados na gíria), onde são acabados em “cevaderos”, tem vindo a ganhar alguma expressão, devido aos altos preços praticados (Ribeiro e Sobral, 1991).

Em relação ao maneio alimentar, a base era o aproveitamento das pastagens naturais no Outono e Primavera e dos subprodutos da cultura de cereais durante o Verão. Esta situação tem contudo sofrido alguma evolução, havendo explorações onde se procede à implantação de pastagens anuais ou temporárias, normalmente à base de consociações de gramíneas e leguminosas. Em épocas de carência alimentar é usual a suplementação baseada essencialmente em alimentos concentrados, feno e palha.

Devido à sua riqueza butirosa, o leite da ovelha Campaniça é de elevado rendimento em queijo, sendo utilizado tradicionalmente no fabrico do queijo Serpa (Sobral *et al.*, 1990; Ribeiro e Sobral, 1991; Conduto, 1997). O período da ordenha, designado tradicionalmente por “alavão”, de duração variável, estava condicionado ao maneio reprodutivo utilizado e à disponibilidade de erva verde. Praticava-se a ordenha manual, sendo o leite transformado em queijo na própria exploração ou vendido a rouparias próximas (Ribeiro e Sobral, 1991). Actualmente, devido aos elevados custos da ordenha, às condições desfavoráveis em que era realizada e à escassez de mão-de-obra, não existe conhecimento que os criadores de raça Campaniça, com animais inscritos no Registo Zootécnico, a continuem a praticar. Adicionalmente, esta mudança de atitude está provavelmente relacionada, em nossa opinião, com o aumento do preço e diminuição da idade a que são comercializados os borregos.

Em termos de maneio sanitário, a maioria dos criadores utilizam duas vacinações contra enterotoxémia e pasteurelose e desparasitações internas e externas. Nos borregos utilizam-se geralmente desparasitações e vacinações contra enterotoxémia e pasteurelose escalonadas no tempo, de modo a imunizar os jovens de idade superior a 20 dias. Efectuam-se tratamentos locais

em animais que contraíram míases cutâneas (especialmente incidentes no fim da Primavera e Verão), e peeira (mais incidentes no Inverno e início da Primavera).

A tosquia efectua-se em geral antes da cobrição de Primavera. Quanto à produção de lã, os ovinos campaniços produzem velos de bom peso, rendimento apreciável e com lãs de qualidade, que apesar de serem mais grosseiras comparativamente às lãs Merinas, têm um comprimento que as torna atractivas para a indústria têxtil (Sobral *et al.*, 1990). A tosquia, independentemente do sistema de exploração, é realizada geralmente entre os meses de Março e Abril.

A existência de construções, ovis e cercados nas explorações facilitam o maneio do efectivo a nível de parições, afilhamentos, suplementações alimentares e recria dos borregos (Ribeiro e Sobral, 1991; Conduto, 1997). Estas infra-estruturas permitem uma maior flexibilização dos horários de trabalho e tem sido uma solução por parte dos criadores no combate à crise de pastores que cada vez mais escasseiam na região.

Após a adesão de Portugal à Comunidade Europeia, o sector ovino da região sofreu algumas transformações. A atribuição do prémio comunitário à ovelha produtora de carne tem favorecido esta especialização produtiva. Por outro lado, devido ao baixo efectivo, a raça Campaniça foi declarada em vias de extinção, estatuto que tem permitido aos criadores auferir um prémio adicional de modo a manterem e até aumentarem os seus rebanhos. É opinião corrente que o somatório destas ajudas comunitárias atribuídas à raça, equivale, grosso modo, à produção de um borrego extra. No que respeita à produção de lã, estima-se que, de acordo com os preços praticados ultimamente, o seu valor representa, em geral, os custos implicados na tosquia.

CARACTERÍSTICAS PRODUTIVAS E REPRODUTIVAS

A ovelha Campaniça tem sido rotulada desde longa data como uma animal de elevada rusticidade, produtora dum velo tochado com um comprimento da fibra lanar aceitável (Frazão, 1959). Esta raça foi devidamente caracterizada em termos fenotípicos por Frazão na década de 50. Seguidamente apresentam-se alguns indicadores sobre características produtivas e reprodutivas, baseados nos efectivos do Centro de Experimentação do Baixo Alentejo (núcleos das Herdades de Vale Formoso e da Abóbada) e também nos registos dos efectivos dos criadores inscritos no Registo Zootécnico da raça, gerido pela Associação de Criadores de Ovinos do Sul.

Na Tabela 1 apresentam-se alguns indicadores sobre caracteres de crescimento, avaliados como caracteres do borrego. Os resultados obtidos indicam que os factores ambientais que mais significativamente influenciam o crescimento do borrego são o tipo de nascimento, o sexo, a idade da ovelha e o ano de nascimento. Em média, os borregos simples são 25% mais pesados que os gémeos, sendo esta superioridade consistente entre o nascimento e o desmame (90 dias). Os machos apresentaram sempre pesos superiores às fêmeas, e as diferenças observadas de 5% ao nascimento aumentaram gradualmente para aproximadamente 17% aos 105 dias. Os ganhos médios diários entre as várias idades consideradas são superiores para os borregos simples e

para os machos relativamente aos gêmeos e às fêmeas, respectivamente, sendo praticamente constantes, independentemente do tipo de nascimento ou do sexo. O peso ao nascimento e os pesos ajustados dos borregos a várias idades aumentam com a idade da ovelha, sendo menores nas crias de ovelhas de 2 anos, atingem valores máximos nos borregos de fêmeas com 5 anos de idade e decrescem a partir daí.

Tabela1. Médias $\pm$ Erro Padrão para Caracteres de Crescimento em Borregos (Adaptado de Nunes, 1998¹ e Carrasco *et al.*, 2008²).

Caracteres Crescimento	Médias $\pm$ Erro Padrão¹	Médias $\pm$ Erro Padrão²
Peso nascimento (kg)	2,6 $\pm$ 0,05 a 3,3 $\pm$ 0,04	2,6 $\pm$ 0,02 a 2,7 $\pm$ 0,02
Pesos Ajustados (kg)		
30 Dias	7,2 $\pm$ 0,4 a 9,0 $\pm$ 0,2	7,2 $\pm$ 0,1 a 8,5 $\pm$ 0,1
60 Dias	-	11,1 $\pm$ 0,4 a 13,6 $\pm$ 0,5
90 Dias	17,3 $\pm$ 0,4 a 19,8 $\pm$ 0,4	16,4 $\pm$ 0,3 a 20,1 $\pm$ 0,3
105 Dias	20,1 $\pm$ 0,7 a 22,6 $\pm$ 0,7	-
Ganho Médio Diário (gr)		
Até aos 30 dias	139 $\pm$ 1 a 194 $\pm$ 6	153 $\pm$ 3 a 188 $\pm$ 4
Até aos 60 dias	-	138 $\pm$ 7 a 176 $\pm$ 7
Até aos 90 dias	158 $\pm$ 6 a 186 $\pm$ 4	150 $\pm$ 3 a 188 $\pm$ 4
Até aos 105 dias	163 $\pm$ 7 a 186 $\pm$ 6	-

¹ As médias referem-se a mínimos e máximos obtidos no intervalo entre os anos de 1983 e 1997; com base em registos do efectivo da DRAPAL – CEBA-Vale Formoso).

² As médias referem-se a mínimos e máximos obtidos no intervalo entre os anos de 2003 e 2007; com base em registos de todos os criadores da raça).

Relativamente ao peso adulto, num estudo realizado por Ribeiro *et al.* (2003) com vários modelos de regressão não linear, utilizando aproximadamente 8 000 registos de pesagens de ovelhas dos efectivos de Vale Formoso e da Abóbada, concluiu-se que variou entre 47,46 $\pm$ 0,12 kg e 48,60 $\pm$ 0,14 Kg, sendo atingido entre os 3 e os 4 anos de idade.

Na Tabela 2 apresentam-se alguns parâmetros reprodutivos dos rebanhos de raça Campaniça entre 1983 e 1995 dos efectivos Vale Formoso e da Abóbada, obtidos por vários autores. Apesar de não se apresentarem a totalidade dos resultados obtidos observou-se grande variabilidade nos valores de prolificidade em função do ano de parto e da idade da ovelha ao parto. De salientar que a prolificidade mais elevada se registou em ovelhas de idades iguais ou superiores a 7 anos (1,13 borregos/ovelha), o que é reflexo de longevidade produtiva, um atributo que deverá merecer realce nesta raça, tendo em vista o sistema de produção em que é explorada.

A ovelha Campaniça apresenta baixa sazonalidade reprodutiva (Bettencourt, 1988), podendo ser usada em regimes reprodutivos diversos consoante o interesse dos criadores. As fêmeas jovens podem entrar à cobrição com idades compreendidas entre os 12 e os 15 meses, verificando-se geralmente o primeiro parto entre os 18 e os 20 meses (Sobral *et al.*, 1990).

Tabela 2. Índices obtidos em vários estudos para alguns caracteres reprodutivos em ovinos da raça Campaniça

Caracteres Reprodutivos	No. Obs.	Valor	Referência
Fertilidade	102	88,2% ^{a)} 97,1% ^{b)}	Matos, 1986
Fertilidade ^{c)}	28	55 %	Nunes, 1998
Fertilidade ^{d)}	-	50 a 60 %	Matos, 2001
Prolificidade	90	1,04	Matos, 1986
Prolificidade ^{e)}	1926	1,01±0,04 a 1,14±0,02	Nunes, 1998
Fecundidade ^{f)}	102	1,02	Matos, 1986
Produtividade Numérica ^{g)}	102	0,87	Matos, 1986
Produtividade (kg) ^{h)}	28	7,2 ± 1,6	Nunes, 1998
Mortalidade em Borregos ⁱ⁾	94		Matos, 1986
Peri-Natal		2,1%	
Até aos 5 dias de idade		3,1%	
Até ao desmame (90 dias)		5,2 %	

- a) Fertilidade à cobertura de Primavera (60 dias de duração)
b) Fertilidade global (cobrição de Primavera + cobrição de Outono)
c) Fertilidade de malatas expostas à cobertura em Julho e Agosto com cerca de 11 meses de idade durante 45 dias,
d) Fertilidade à inseminação artificial obtida em 3 anos consecutivos no núcleo de raça Campaniça de Vale Formoso (aproximadamente 230 ovelhas inseminadas por ano)
e) Médias em função do ano de parto (mínimos e máximo obtidos no intervalo entre os anos de 1983 e 1995).
f) Fecundidade = (número de borregos nascidos/ número de ovelhas à cobertura). Medida apenas em relação à cobertura de Primavera.
g) Produtividade Numérica = (número de borregos desmamados/ número de ovelhas à cobertura). Medida apenas em relação à cobertura de Primavera.
h) Produtividade = Kg borrego desmamado por fêmea exposta à cobertura. Resultados obtidos em malatas expostas à cobertura em Julho e Agosto com cerca de 11 meses de idade durante 45 dias. O desmame dos borregos efectuou-se aos 70 dias de idade média.
i) Mortalidade medida na época de partos de Outono.

Em relação a parâmetros relacionados com produção de carne, sumarizam-se resultados de 2 estudos na Tabela 3, realizados apenas com machos.

Tabela 3. Médias ± Erro Padrão de alguns caracteres da carcaça de borregos da raça Campaniça segundo dois estudos efectuados.

Caracter	Matos (1986)	Mendes e Silva (1995)
Peso Vivo de Abate (Kg)	24 ± 2,7	23 e 28
Rendimento Corrigido (%)	52,6 ± 2,4	---
Percentagem Músculo	57,5 ± 2,1	59,1 ± 0,9
Percentagem Gordura Total	25,4 ± 2,1	21,1 ± 1,2
Percentagem Gordura Subcutânea	10,9 ± 1,6	9,8 ± 0,8
Percentagem Gordura Intermuscular	11,0 ± 1,2	8,9 ± 0,5
Percentagem Gordura Renal e Pélvica	---	2,39 ± 0,2

Percentagem Osso	18,3 ± 2,3	18,3 ± 0,6
Relação Músculo/ Osso	3,0 ± 0,2	3,2 ± 0,1

No que respeita a caracteres lanares, apresentam-se na Tabela 4 alguns resultados recentes obtidos nos efectivos pertencentes ao Centro de Experimentação do Baixo Alentejo. No estudo de Nunes (1998), os factores que influenciam o peso do velo sujo foram avaliados. Concluiu-se que, para além do efeito do ano da tosquia, o peso do velo sujo foi mais elevado em ovelhas de 3 e 4 anos de idade na altura da tosquia, em ovelhas que não pariram nos 7 meses que antecederam a mesma e em ovelhas com lã do tipo cruzado.

Tabela 4. Médias ± Desvio Padrão de alguns caracteres lanares.

Caracteres Lanares	No. Obs.	Valor	Referência
Peso do velo sujo (kg)	25	2,77 ± 0,57	Matos, 1986
Peso do velo sujo (kg)	693	2,4 ± 0,1 a 2,74 ± 0,1 ^{a)}	Nunes, 1998
Rendimento em lavado (%)			Matos et al., (2002) ^{b)}
Machos	10	69 ± 5	
Fêmeas	305	60,5 ± 8,4	
Diâmetro médio (Micr)			Matos et al., (2002) ^{b)}
Machos	10	35 ± 2,1	
Fêmeas	305	32,1 ± 2,6	
Resistência média da fibra (N/Ktex)	130	33,8 ± 12,5	Matos et al., (2002) ^{b)}
Comprimento da Fibra lanar (cm)	25	7,76 ± 1,33	Matos, 1986
Comprimento da Fibra lanar (cm)	130	10,0 ± 1,4	Matos et al., (2002) ^{b)}

a) Valores apresentados representam Médias ± Erro Padrão em função do ano da tosquia (mínimos e máximos obtidos no intervalo entre os anos de 1995 a 1998).

b) Resultados não publicados.

DESENVOLVIMENTO, MELHORAMENTO E PERSPECTIVAS FUTURAS

Tendo em vista a recuperação da raça e atendendo às particularidades do sistema de produção em que é explorada, têm sido desenvolvidas acções de conservação e melhoramento genético envolvendo os criadores, a Associação de Criadores do Sul (ACOS) e os serviços oficiais.

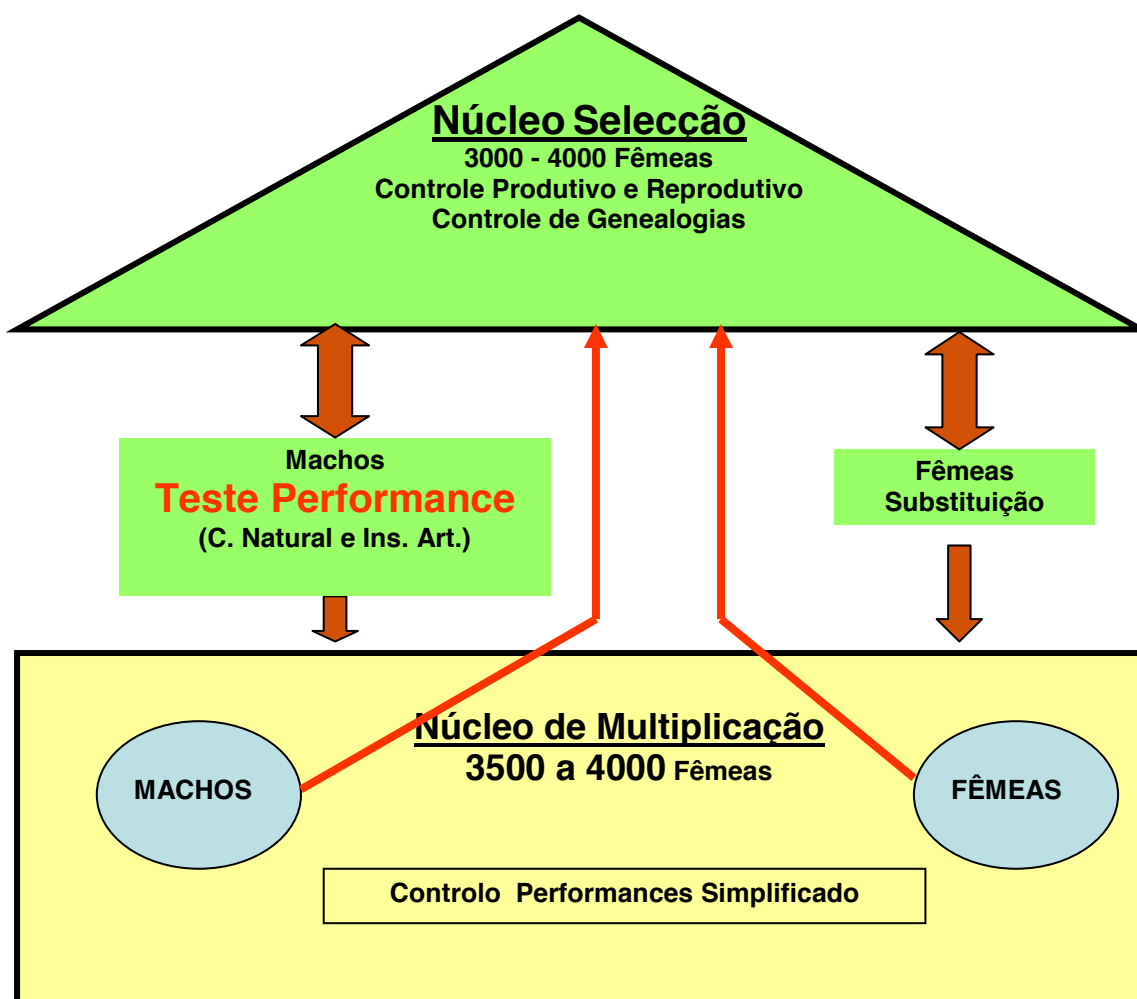
No que respeita à conservação, iniciou-se em 1996 um programa seguindo os procedimentos recomendados internacionalmente em matéria de recursos genéticos animais. Este programa, aprovado no âmbito do programa PAMAF-IED, foi coordenado pelo Centro de Experimentação do Baixo Alentejo – Herdade da Abóbada – Direcção Regional de Agricultura e Pescas do Alentejo (CEBA) e consistiu na criação dum núcleo de conservação “*in situ*” utilizando os efectivos das Herdades de Vale Formoso e da Abóbada, num total de 320 ovelhas e 13 carneiros. Outra componente deste programa consistiu na conservação criogénica (conservação *ex-situ*) de sémen, embriões e células somáticas de reprodutores de vários criadores da raça (Matos e Bettencourt, 1996; Matos, 2001). Posteriormente estas acções de conservação tiveram

continuidade no âmbito de dois projectos financiados no âmbito do programa Agro (Matos, 2005; Horta, 2006). Todo o material recolhido sobre a raça fazem actualmente parte do Banco Português de Germoplasma Animal, de acordo com protocolos estabelecidos com os serviços oficiais (URGRMA-INRB, I. P, DGV, e DRAPAL- CEBA). A informação sobre a raça foi também enviada ao banco de dados sobre recursos genéticos animais mantido pela FAO.

Relativamente ao melhoramento genético, o principal objectivo é a produção de carne, que é actualmente o carácter de maior relevância económica. Os critérios de selecção utilizados são o crescimento (pesos e ganhos médios diários entre o nascimento e o desmame), a fertilidade, a prolificidade, a capacidade maternal (avaliada através da informação do crescimento do borrego até aos 50 dias e até ao desmame) e o peso de borrego desmamado por ovelha parida. Apesar da produção de lã não ser um objectivo de melhoramento, tem-se procedido a uma avaliação das características lanares (classificação, comprimento e diâmetro da fibra) em todos os animais de substituição por volta dos 10 a 12 meses, de modo a manter as características da raça.

O programa de melhoramento actualmente em curso assenta numa estrutura piramidal com um Núcleo de Selecção e um Núcleo de Multiplicação, que esquematicamente se representa na Figura 1, e está delineado de modo permitir um fluxo genético que garanta as diversas vias de selecção. Como metodologias de apoio à prossecução deste programa prevê-se (i) a realização do teste de performance em estação, sendo efectuado o controlo do crescimento através de pesagens quinzenais durante o período do teste (120 a 180 dias); (ii) o controle de paternidades através de análise de ADN, cobrições controladas e utilização da Inseminação artificial no Núcleo de Selecção e (iii) avaliação genética de reprodutores.

Figura 1. Representação esquemática da estrutura do programa de melhoramento



Não existem produtos nesta raça com denominação protegida específica, embora o borrego possa ser comercializado sob a denominação da IGP Borrego do Baixo Alentejo. A lã é um produto secundário cujo valor mal suporta actualmente os custos com a tosquia. Com o objectivo de valorizar este produto, a ACOS, com o apoio dos serviços oficiais, tem vindo a organizar a comercialização da lã dos produtores através de leilões. A aptidão leiteira, outrora explorada para a produção de Queijo Serpa, não tem hoje em dia qualquer significado.

Quanto ao futuro, observa-se que o sector de pequenos ruminantes atravessa uma crise generalizada em toda a Europa, motivada essencialmente pela subida dos preços de factores de produção (essencialmente rações e combustíveis) e pela descida dos preços dos produtos pagos no criador. A raça Campaniça não foge a esta regra, e pese embora o papel que desempenha quer como geradora de produtos de qualidade (carne e lã), quer como na fixação das populações, combate aos incêndios e desertificação, etc., há muita incerteza em relação ao seu futuro. É reconhecido o papel agro-ambiental que as populações ovinas locais têm, principalmente nas zonas marginais como aquelas onde a raça Campaniça é actualmente explorada. A este respeito, e devido às suas características de rusticidade, longevidade e resistência a doenças, talvez a raça

tenha um papel importante a desempenhar no contexto dos novos modos de produção sustentada, designadamente a produção integrada e a produção biológica que as actuais políticas agrícolas promovem.

Referências Bibliográficas

- Bentes, J. M. F., 1920. Os Arientinos no Distrito de Beja. Tese de doutoramento. Escola Superior de Medicina Veterinária, Lisboa, 1920.
- Bernardo Lima, S. 1873. Recenseamento geral dos gados no Continente do Reino de Portugal em 1870. Ministério das Obras Públicas, Comércio e Indústria, Imprensa Nacional. Lisboa.
- Bettencourt, C. M. V., 1988. Effects of season of year and ram exposure on estrus and ovarian activity in four breeds of sheep in Portugal. Ms Thesis, Utah State University, Logan, Utah, USA.
- Carrasco, A. M.C Conduto, , R. M. V. Dias P. A., e Matos, C. A. P. 2008. Caracterização do Crescimento de Borregos da Raça Ovina Campaniça. VI Congresso Ibérico sobre Recursos Genéticos Animais. Faculdade de Ciências de Lisboa, 18 a 20 de Setembro.
- Coelho Morais, M., 1947. Classificação das Lãs Nacionais. Ministério da Economia, Junta Nacional dos Produtos Pecuários. Imprensa Barreiro, Lisboa.
- Conduto, R., 1997. A raça ovina Campaniça – Um património a conservar. Revista *Ovelha*, Nº 35: 23-25, Setembro.
- Cordeiro, D. P., 1982. Origem das raças ovinas em Portugal. Junta Nacional dos Produtos Pecuários, Lisboa, 1982.
- Frazão, T. L., 1959. Ovinos Campaniços. In Boletim Pecuário, Ano XLVIII, 1982.
- Horta, A. E. M., 2006. Relatório Final do Projecto Agro Nº 438 – Medida 8 – Desenvolvimento Tecnológico e Demonstração “ Banco Português de Germoplasma Animal”.
- Mason, I. L., 1967. Sheep breeds of the Mediterranean. FAO.
- Matos, C. A. P., 1986. Avaliação das capacidades produtivas e reprodutivas das raças ovinas Merino Branco e Campaniça. Relatório de Estágio, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real.
- Matos, C. A. P. e C. M. V. Bettencourt. 1995. Preservação da variabilidade genética em pequenas populações de animais domésticos. Revista Portuguesa de Zootecnia, Ano II-Nº 1:49-58
- Matos, C. A. P. e Bettencourt, C. M. V., 1996. Programa de conservação para raça ovina Campaniça. Revista ovelha, Nº 29: 52-57, Março.
- Matos, C. A. P. 2000. Recursos genéticos animais e sistemas de exploração tradicionais em Portugal. Archivos de Zootecnia , Vol 49:363-383.
- Matos, C. A. P. 2001. Relatório Final do Projecto PAMF-IED Nº 3014 “Conservação e Caracterização da Raça Ovina Campaniça. 130 pp.
- Matos, C.A.P., 2005. Relatório Final do Projecto Agro Nº 76 – Medida 8 – Desenvolvimento Tecnológico e Demonstração “Conservação Genética das Raças Ovinas Merina Preta e Campaniça e da Raça Caprina Serpentina. 30 pp.
- Mendes, I. e J. S. Silva. 1995. Alguns indicadores da qualidade das carcaças e da carne de borregos das raças Campaniça e Merino Branco. Colectânea SPOC, Vol. 6 nº 1: 117-129.
- Miranda do Vale, J., 1949. Gado Bissulco. A Terra e o Homem. Colecção de Livros Agrícolas. Livraria Sá da Costa, Lisboa.
- Nunes, H. M. C. 1998. Análise de Caracteres Produtivos e Reprodutivos em Ovinos da Raça Campaniça. Relatório Final de Estágio da Licenciatura em Engenharia Zootécnica. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. 139 pp.
- Sobral, M., Antero, C., Borrego, J. D., 1990. Raça Campaniça. Revista Ovelha, pp: 11-13, Março.
- Ribeiro, R. G. M., C. A. P. Matos, A. M. C. Carrasco e C. M. V. Bettencourt. 2003. Estimativa do peso adulto de ovelhas das raças ovinas Merina Preta e Campaniça através da utilização de modelos da regressão não lineares. XIII Congresso de Zootecnia. Livro de Resumos, pág. 50. Évora, 1 a 4 de Outubro de 2003.
- Ribeiro, A. N., Sobral, L., 1991. A Ovinicultura no Baixo Alentejo-breve análise das estruturas de produção, estrangulamentos e perspectivas de evolução. Sociedade Portuguesa de Ovinotecnia e Caprinotecnia, Colectânea S.P.O.C., Vol. 2, Nº 1: 21-29.